



Voluntariado Educativo

Uma Tecnologia Social

Ministério
da Educação



Este material pode ser reproduzido com a prévia autorização do Instituto Faça Parte.

Voluntariado Educativo - Uma Tecnologia Social

Realização e coordenação

Instituto Faça Parte

Texto

Katia Gonçalves Mori

Marcelo Vaz

Produção

Beatriz Di Marco

Luiza Marcondes

Maria Lucia Meirelles Reis

Projeto gráfico

Qualis Comunicação

Ilustrações do livro *Toda Mafalda*, ed. Martins Fontes, utilizadas com autorização do artista (Quino) e de Ediciones de la Flor, Argentina

Instituto Faça Parte

Av. Paulista, 1.294 - 19º andar

São Paulo (SP) - CEP 01310-915

Tel. (11) 3266-5477

www.facaparte.org.br

Índice

Primeiras Palavras	5
Introdução	7
Capítulo 1 - O quê?	
1.1 Voluntariado	10
1.2 Voluntariado educativo	11
1.3 Aprendizagem-serviço	13
1.4 Voluntariado educativo como tecnologia social e ferramenta pedagógica	14
Capítulo 2 - Por quê?	
2.1 De acordo com a LDB.....	18
2.2 Em sintonia com os PCN.....	20
2.3 Educação para o século XXI.....	20
2.4 Resgate teórico	22
2.5 Uma nova forma de aprender	26
Capítulo 3 - Quem?	
3.1 A educação é tarefa de todos	28
3.2 Parcerias e redes	29
Capítulo 4 - Onde?	
4.1 Escola-comunidade.....	34
4.2 Comunidade-escola.....	36
4.3 Escola-escola.....	38
Capítulo 5 - Como?	
5.1 Diferentes práticas socioeducativas	40
5.2 Metodologia de projetos de voluntariado educativo	45
5.2.1 Motivação.....	46
5.2.2 Convocação	46
5.2.3 Diagnóstico	48
5.2.4 Elaboração do projeto	49
5.2.5 Ação	52
5.2.6 Reflexão	53
5.2.7 Registro.....	54
5.2.8 Continuidade.....	55
5.2.9 Reconhecimento e comemoração	56
5.3 Em resumo, um projeto de voluntariado educativo requer... ..	57
Referências bibliográficas.....	59
Anexo 1: Esquema das etapas de um projeto de voluntariado educativo	61
Anexo 2: Sugestão de termo de adesão ao voluntariado.....	62
Anexo 3: Autorização do responsável.....	63
Anexo 4: Selo Escola Solidária.....	64



Primeiras Palavras

O Instituto Faça Parte, visando ao cumprimento de sua missão – promover a cultura do voluntariado, estimulando a participação da juventude como parte ativa da construção de uma nação socialmente mais justa –, apresenta este livro, que consolida e aprofunda conceitos e metodologias de voluntariado educativo já tratados separadamente em outras publicações.

Fundado como decorrência do comitê que, em 2001, geriu no Brasil as ações do Ano Internacional do Voluntário, o Instituto Faça Parte acredita no potencial transformador da juventude e sabe que milhares de escolas incentivam e apóiam iniciativas socioeducativas que contribuem para melhorar o país de modo direto (pelos resultados das intervenções) e indireto (pela consciência social que os estudantes adquirem).

Nossa intenção, ambiciosa, foi a de elaborar um conteúdo extensivo mas não excessivo; simples mas não simplista; positivo mas não impositivo. Ao mesmo tempo, procuramos construir as partes deste trabalho de modo que cada uma delas fosse uma unidade completa em si, sem exigir leitura linear ou integral para que se compreendam os pontos essenciais.

Esta publicação – voltada para educadores, estudantes e pessoas interessadas por educação – tem três objetivos: apresentar o conceito de voluntariado educativo como uma tecnologia social, apresentar a metodologia de projeto de voluntariado educativo e compartilhar experiências exitosas vivenciadas por escolas de todo o país.

Tem-se falado, recentemente, do conceito de tecnologia social, isto é, dos métodos, processos e técnicas de fácil aplicabilidade, baixo custo e impacto social criados para solucionar algum problema social. O voluntariado educativo é, e pode ser cada vez mais, uma tecnologia social.

O Instituto Faça Parte agradece os mantenedores e apoiadores que viabilizam a realização de nossos projetos de promoção ao voluntariado educativo. No caso deste livro, contamos também com o fundamental apoio do Banco Mundial, a quem também agradecemos. Como nós, o Banco Mundial demonstra interesse pelo voluntariado educativo e enxerga nele uma tecnologia social transformadora.

O voluntariado educativo está aqui apresentado em capítulos norteados por questões: “O quê?” (apresenta o conceito de voluntariado educativo), “Por quê?” (traz razões para realizá-lo), “Quem?” (fala dos atores que podem participar), “Onde?” (aponta os ambientes onde ele pode ocorrer), “Como?” (sugere uma metodologia de projeto de voluntariado educativo).

O livro está ilustrado com casos reais de experiências escolares bem-sucedidas, selecionados entre as escolas que receberam, em 2003 ou 2005, o Selo Escola Solidária, principal projeto do Instituto Faça Parte, desenvolvido em parceria com o MEC, o Consed, a Undime e a Unesco.

Mais que ser apenas um guia para a elaboração de um projeto de voluntariado educativo, esta publicação pretende ser aberta o suficiente para trazer subsídios que motivem o desenvolvimento de ações pertinentes aos desafios e à realidade de cada escola.



Introdução

Entre as muitas áreas em que o voluntariado pode se manifestar, uma é a educação, na medida em que promove a participação social e a aprendizagem de valores como cidadania e solidariedade. Essa combinação, de aplicação recente, só acontece quando cada parte chega ao momento certo para aceitar e incorporar a outra, transformando-se em um só movimento.

A história do voluntariado no Brasil passou por uma notável e rápida evolução ao longo do século XX. De uma postura benevolente e caridosa, a sociedade civil passou a ser cada vez mais atuante politicamente e a buscar soluções.

No final da década de 1950, começaram os movimentos sociais de reivindicação de melhorias urbanas e sociais, em um voluntariado combativo, engajado. Nas décadas de 1980 e 1990, ocorrem na sociedade mudanças que modernizaram de vez o voluntariado. Começou a crescer rapidamente a quantidade de organizações sociais atuantes em áreas como meio ambiente, saúde e educação. A idéia de buscar soluções para problemas e, ao mesmo tempo, cobrar o Estado para que ele cumpra o papel de formular políticas públicas tem sido a tônica do trabalho voluntário no Brasil.

Em um movimento paralelo, a escola também foi se abrindo mais à participação da comunidade e ao trabalho voluntário. Tal estreitamento encontra respaldo inclusive na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394, de 1996).

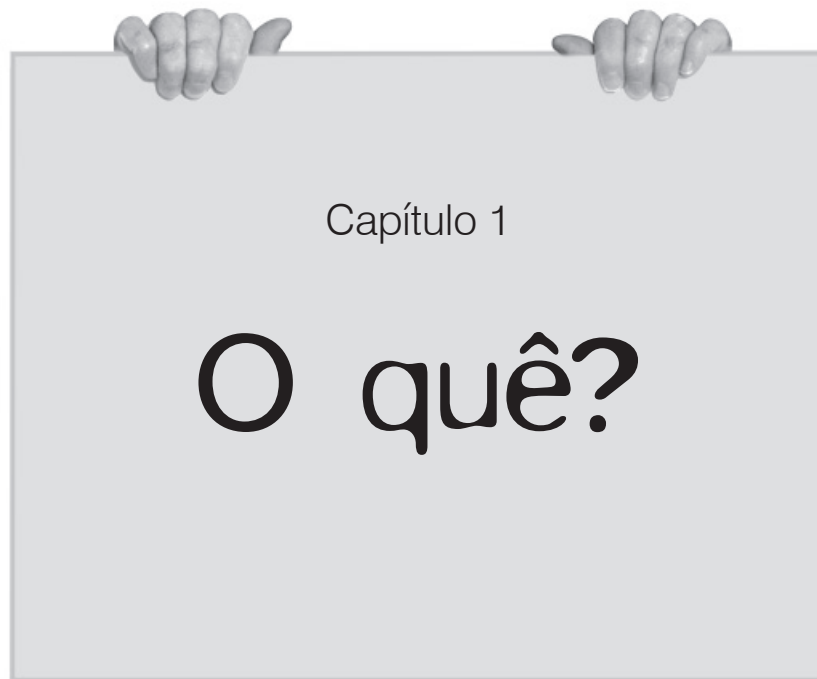
Resultado do encontro entre voluntariado transformador e escola aberta, o voluntariado educativo busca promover a aprendizagem de valores como solidariedade e cidadania por meio de práticas socioeducativas vinculadas ao projeto político-pedagógico da escola. Sem desvirtuar-se de sua principal função – a de preparar o aluno para a vida e para o trabalho –, a escola abre espaços de participação efetiva da e na comunidade. Em projetos de voluntariado educativo, cada escola pode olhar ao seu redor, diagnosticar problemas, definir metas, estabelecer um plano de ação, agir e celebrar os resultados obtidos.

Além de contribuir para o processo de ensino e de aprendizagem, o voluntariado educativo contribui para um sentimento de realização pessoal e de responsabilidade social por parte de quem o exerce.

Sabemos que muitas escolas já desenvolvem atividades afins com o voluntariado educativo, e nesse sentido esta obra procura apresentar idéias e conceitos que permitam a elas aperfeiçoar suas práticas. Para aquelas que não realizam, pretendemos apresentar tal metodologia como opção para o desenvolvimento de um currículo vivo, compartilhado com a comunidade educativa, e para a formação pessoal, social e cognitiva de seus jovens estudantes.

Bom trabalho!





“O voluntariado tem contribuído de forma significativa para o caminho formativo dos jovens, e é isso que se pretende oferecer, de modo sistemático e organizado. O voluntariado abre o jovem para um novo modo de ver o mundo, é um jeito de viver a solidariedade que não compactua com a violência e com a exclusão.”

Adair Sberga

Neste capítulo, apresentaremos o conceito e a relação entre voluntariado e voluntariado educativo. Também falaremos das principais correntes teóricas que fundamentam o voluntariado educativo e a sinergia que, em muitos momentos, ele encontra com o conceito de aprendizagem-serviço (*aprendizaje-servicio* ou *service learning*).

Citaremos ainda a ocorrência do voluntariado educativo no Brasil e falaremos sobre como essa prática pode ser uma poderosa ferramenta de educação para a formação cognitiva, pessoal e social dos alunos.

1.1 Voluntariado

O voluntariado, entendido aqui como a ação transformadora realizada por um indivíduo ou grupo, é a doação de tempo, trabalho e talento por uma causa social.

Realizado pela sociedade e para a sociedade, o trabalho voluntário pode atuar nas mais variadas áreas: defesa do ambiente, saúde, educação, esporte e lazer, cultura e arte, defesa de direitos. Por ter uma característica de transição aberta, dinâmica e permanente, melhora a relação entre o público e o privado e, assim, serve de articulação entre a sociedade civil e as entidades públicas.

Os beneficiários diretos pelo trabalho de algum voluntário certamente ganham, mas o maior ganho é daquele que faz a ação. O voluntário vê seu trabalho melhorar a vida da comunidade e aprende a conviver com o outro, enfrentando dificuldades reais, resolvendo problemas reais.

Ao desenvolver atividades por meio de competências adequadas às tarefas que se pretende fazer, o voluntário transforma indignação em ação, criando espaços efetivos de trabalho e transformação social, e é reconhecido pelo seu papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, colaborando para a realização do bem comum.

O voluntário aprende sempre: aprende a enxergar o outro, a ver sua real necessidade e o que pode fazer para melhorar; aprende a lidar com as diferenças, a ser solidário e a lutar pela transformação social.



1.2 Voluntariado educativo

“Ajudar a alcançar os objetivos de aprendizagem traçados segundo as normas legais e estabelecidos no projeto pedagógico da escola deve ser o norte principal do voluntariado dentro da instituição escolar.”

Guiomar Namó de Mello

Cidadania, solidariedade, dignidade e respeito às diferenças são valores fundamentais para a formação pessoal e social de um indivíduo inserido em uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. Tais valores fazem parte do currículo da escola de educação básica brasileira e precisam ser resgatados também pela sociedade, pela família. Esses mesmos valores são vivenciados no dia-a-dia do voluntário, não importa a atividade em que ele esteja engajado. Sendo assim, por que não pensar no voluntariado como uma experiência formativa?

Diante desse potencial, Milanesi e De Nicolò, educadores italianos, propõem que o trabalho voluntário realizado por jovens seja praticado não como uma repetição do voluntariado adulto, mas sim em caráter educativo, o voluntariado educativo.

Em idade escolar, os jovens precisam de motivação para aprender a relacionar-se, aprender a aprender, aprender a desenvolver autonomia, autocrítica e autoconhecimento, aprender a valorizar o voluntariado como uma maneira de participar socialmente, de transformar uma realidade social com a qual ele não concorda.

Em outras palavras, o voluntariado educativo é uma experiência formativa, de características próprias, com conteúdos e metodologias voltados para a formação pessoal e social do jovem.

O voluntariado educativo está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, na medida em que promove a compreensão da cidadania como participação social, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade e cooperação, respeito ao outro e a si próprio.

Sendo assim, podemos compreender o voluntariado educativo como:

- uma estratégia de aula que permite integrar saberes escolares, competências e habilidades às práticas sociais;
- uma metodologia educativa que une teoria e prática;
- um estímulo à participação responsável do jovem, a partir de uma formação politizada e crítica.

As experiências socioeducativas podem ser planejadas de modo integrado aos conteúdos curriculares e serem destinadas não só a atender necessidades de uma comunidade mas também a desenvolver novas aprendizagens nos educandos, quando estes são os protagonistas da ação.

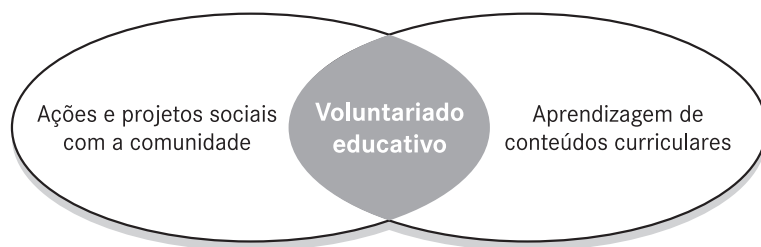
O voluntariado educativo é uma proposta educativa que pode ser bastante eficaz para dar significado aos conteúdos curriculares e à vivência de valores por meio de atividades sociais planejadas, sem deslocar a escola de sua principal função – a de promover a aprendizagem, de preparar o aluno para a vida e para o trabalho.

O voluntariado educativo propicia o exercício da convivência democrática e, se articulado à proposta pedagógica da escola, complementa o trabalho do professor em sala de aula, trazendo elementos enriquecedores para o tratamento de temas transversais e para o uso da metodologia de projetos, como se verá no capítulo 5.

Há registros de experiências afins com o voluntariado educativo no Brasil e no mundo desde meados do século XX. Na América Latina, é crescente, sobretudo desde a redemocratização, na década de 1980, o interesse das escolas em desenvolver projetos solidários articulados ao currículo.

O voluntariado educativo é, assim, uma ação solidária planejada de modo integrado ao currículo escolar, com o objetivo de melhorar a qualidade da aprendizagem ao mesmo tempo que melhora a qualidade de vida da comunidade onde a escola está inserida.

Falamos de voluntariado educativo quando, em um projeto ou ação planejada, se dá a intersecção entre a intenção pedagógica e a intenção solidária.



A promoção da escola como centro de cidadania na comunidade traz benefícios tanto sociais como educativos. As experiências pessoais e sociais vividas na idade escolar são fundamentais para a definição – ou a indefinição – de um projeto de vida, de opções políticas e ideológicas, de rumos profissionais e acadêmicos.

Pessoas que desenvolvem ações voluntárias tendem a manter, ao longo da vida, níveis de compromisso social e participação política superiores às que não tiveram essas experiências.

1.3 Aprendizagem-serviço

Uma forma de pensar a participação da juventude em projetos socioeducativos, que tem sido praticada em vários países e tem muita sinergia com o voluntariado educativo, é a aprendizagem-serviço (*aprendizaje-servicio* em espanhol, *service learning* em inglês). Em muitos momentos, voluntariado educativo e aprendizagem-serviço se aproximam. Mas, apesar de tanta semelhança, não são sinônimos.

Essencialmente, a prática do voluntariado educativo não é obrigatória, e o próprio nome quer reforçar a idéia de que é voluntário. Na aprendizagem-serviço, o serviço tende a ser obrigatório – pode ser uma atividade curricular ou um serviço social prestado para minimizar uma situação de necessidade.

Diferenças à parte, o que se quer ressaltar é justamente a sinergia entre eles, para melhor compreender a força de um projeto socioeducativo no processo de ensino e de aprendizagem.

Para Andrew Furco, diretor do Service Learning Research and Development Center, da Universidade da Califórnia em Berkeley, o *service learning* é uma metodologia de ensino pela qual os estudantes compreendem melhor o conteúdo acadêmico, aplicando competências e conhecimentos específicos para o benefício da sociedade.

Já a educadora norte-americana Alice Halsted afirma que, pelo *service learning*, os jovens desenvolvem tarefas importantes e de responsabilidade em suas comunidades e escolas. A juventude assume tarefas significativas e desafiadoras numa variedade de lugares, como creches, museus, atividades extra-escolares, projetos ecológicos, bibliotecas e asilos. As atividades nesses lugares podem incluir leitura para crianças, supervisão de crianças, ajuda em tarefas escolares, visitas guiadas a museus, limpeza e embelezamento da vizinhança ou gravação de histórias orais com idosos, entre outras.

O Congresso dos Estados Unidos publicou em 1990 o *National and Community Service Act*, em que o *service learning* é definido como um método pelo qual os alunos aprendem e se desenvolvem ao participar ativamente de uma ação organizada que:

- é dirigida e atende as necessidades de uma comunidade;
- se articula com uma escola primária ou secundária, com uma instituição de ensino superior, com um programa de serviço comunitário ou com a comunidade;
- contribui para o desenvolvimento da responsabilidade cívica;
- valoriza o currículo acadêmico dos estudantes e se integra a ele ou aos componentes educativos dos serviços comunitários em que os participantes estão envolvidos;
- proporciona tempo para que os estudantes ou participantes reflitam sobre as experiências voluntárias.



1.4 Voluntariado educativo como tecnologia social e ferramenta pedagógica

Enquanto a tecnologia melhora técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos visando a produção e o mercado, a tecnologia social tem como meta o desenvolvimento humano. O conceito ainda está em construção, mas já é possível perceber algumas características definidas: é uma tecnologia simples, barata, integrada, fácil de ser reproduzida e continuada. As técnicas e procedimentos estão sempre associados a formas de organização coletiva que trazem resultados positivos para a qualidade de vida.

Por definição, tecnologias sociais não podem exigir muito investimento financeiro e devem possibilitar novas aplicações de acordo com a realidade local.

Pelas características citadas neste tópico e anteriormente, o voluntariado educativo pode ser compreendido como tecnologia social, pela educação participativa, e como ferramenta pedagógica, na medida em que está fundamentado nas premissas abaixo.

1. Melhorar a educação requer a participação de toda a comunidade. Empresas, organizações comunitárias, instituições religiosas, centros recreativos, instituições de educação superior – todos podem ajudar, cada um à sua maneira, a partir de um projeto estruturado pela escola e compartilhado por todos.
2. Melhorar a educação também significa envolver os pais na escola. O voluntariado educativo faz com que professores e familiares assumam responsabilidades educativas complementares, ajudando os alunos a estabelecer pontes entre as competências acadêmicas e as exigências da vida cotidiana.

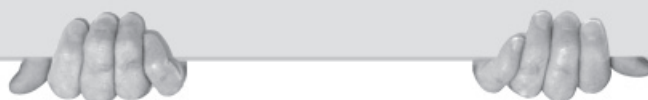
3. Os alunos podem melhorar o rendimento escolar enquanto aprendem a participar socialmente, melhorando a qualidade de vida da comunidade onde a escola está inserida, se são oferecidos a eles objetivos desafiadores e se lhes são dadas oportunidades para alcançá-los.
4. Ao resolver problemas reais, os estudantes se vêem desafiados a exercer cidadania com responsabilidade. A esse propósito, Paulo Freire (1997) já dizia que cidadania é algo que se aprende e, portanto, se ensina. Não é possível adquirir por herança, ou esperar que apareça de repente, aos 18 anos.
5. Melhorar a qualidade da educação oferecida pela escola requer reflexão sobre a prática e formação docente permanente. Projetos exitosos de voluntariado educativo invariavelmente encontram formas inovadoras para avançar no objetivo duplo de formação de professores e desenvolvimento de um currículo inovador, de forma simples, integrada e continuada.
6. O voluntariado educativo é essencial para ajudar os jovens a se relacionarem melhor, a se respeitarem mais, a respeitarem as diferenças e a viverem a diversidade.





Capítulo 2

Por quê?



“As crianças não estão, num dado momento, sendo preparadas para a vida e, em outro, vivendo.”

John Dewey

A proposta pedagógica do voluntariado educativo parte da premissa de que a solidariedade está ligada à educação. As atividades solidárias desenvolvidas pelos alunos podem ser uma nova forma de aprender, se planejadas adequadamente. Portanto elas podem contribuir para uma ressignificação da prática pedagógica. Nesse caso, trata-se de sustentar simultaneamente a intenção pedagógica e a intenção solidária, oferecendo uma resposta participativa a uma necessidade social. Um bom projeto de voluntariado educativo permite aos jovens aprender conteúdos acadêmicos e, ao mesmo tempo, realizar tarefas importantes de responsabilidade em sua comunidade ou na própria escola.

Na atualidade, vive-se um momento privilegiado, em que há escolas, organizações da sociedade civil e vontades políticas que convergem seus interesses na promoção da solidariedade como uma pedagogia eficaz para melhorar a educação e a qualidade de vida nas comunidades.



2.1 De acordo com a LDB

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

(...)

§ 2º - A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

(...)

Art. 5º - O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo.

A Constituição brasileira de 1988 reconheceu o direito de todos à educação e o dever do Estado e da família nesse assunto. Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 pôs o ensino fundamental na categoria de direito público subjetivo, isto é, um direito do indivíduo e um bem comum de interesse da coletividade. Por consequência, não apenas o Estado mas também a família tem direitos e deveres para com a educação escolar das crianças e dos adolescentes, e a sociedade também é convocada para promover e incentivar a educação, tendo como metas o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A LDB determina que a escola deverá se vincular às práticas sociais. Com isso, espera-se que a educação escolar prepare o estudante para a vida e se inspire em princípios de liberdade e em ideais de solidariedade. Tais princípios e valores são universais e devem orientar toda a ação educativa da escola. Valores como o multiculturalismo, a solidariedade, a construção da paz e o respeito à diversidade – cultural, étnica, social, religiosa e qualquer outra – são essenciais para toda proposta educacional que se pretenda democrática.

Dentro da escola, o voluntariado pode acontecer de duas maneiras: da escola para a comunidade e da comunidade para a escola. Quando os alunos são voluntários, eles participam de projetos socioeducativos, com a orientação do professor orientador. Por meio de projetos de intervenção social, o professor pode articular os conteúdos curriculares aos problemas reais, propiciando a vivência de cidadania e solidariedade.

Mas, quando os voluntários vêm da comunidade, a idéia central é a de que eles possam contribuir para melhorar a qualidade da educação – e não substituir um funcionário ou fazer um papel que seria do Estado. É uma participação que deve ser discutida com a comunidade escolar e deve estar de acordo com o projeto político-pedagógico da escola. Nesse sentido, são inúmeras as possibilidades de implementação de projetos.

Há, ainda, ações da escola para a escola, que derivam das duas anteriores e se caracterizam por ter a comunidade escolar como protagonista e destinatária da ação. Falaremos sobre essas possibilidades no capítulo 4.

2.2 Em sintonia com os PCN

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a contribuição da escola em uma sociedade democrática é a de desenvolver um projeto de educação comprometido com a formação de alunos capazes de intervir na realidade para transformá-la.

Um projeto pedagógico com esse objetivo poderá ter três grandes diretrizes:

- posicionar-se em relação às questões sociais e interpretar a tarefa educativa como uma intervenção na realidade no momento presente;
- não tratar valores apenas como conceitos ideais, e sim criar possibilidades de vivência e experiência;
- incluir essa perspectiva no ensino dos conteúdos escolares.

O desenvolvimento de projetos de voluntariado educativo auxilia a escola a realizar sua principal função: a formação integral do aluno. Nesse sentido, ele favorece a compreensão da realidade e a participação social do aluno, possibilitando o desenvolvimento da capacidade de posicionar-se diante das questões que interferem na vida coletiva, superando a indiferença e intervindo na comunidade de forma responsável.

2.3 Educação para o século XXI

O envolvimento de alunos em projetos de voluntariado educativo é especialmente enriquecedor para o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para sua formação integral, como perseverança, comprometimento, integridade, solidariedade, iniciativa, autonomia, confiança e capacidade de resolução de problemas.

Os alunos que participam de uma proposta pedagógica voltada para a metodologia de projetos de voluntariado educativo desenvolvem-se de acordo com os “quatro pilares da educação para o século 21” sugeridos por Jacques Delors (1999): aprender a ser, aprender a fazer, aprender a relacionar-se e aprender a conhecer.

Aprender a ser íntegro, solidário, prestativo, confiante e generoso pode ser uma tarefa difícil de conseguir somente com aulas expositivas. É fundamental para a escola criar espaços de convivência com intencionalidade pedagógica, para que valores como esses possam ser vivenciados.

Há também a possibilidade de desenvolver o aprender a fazer, se os alunos participarem ativamente de – preferencialmente – todas as etapas do projeto, como veremos no capítulo 5.

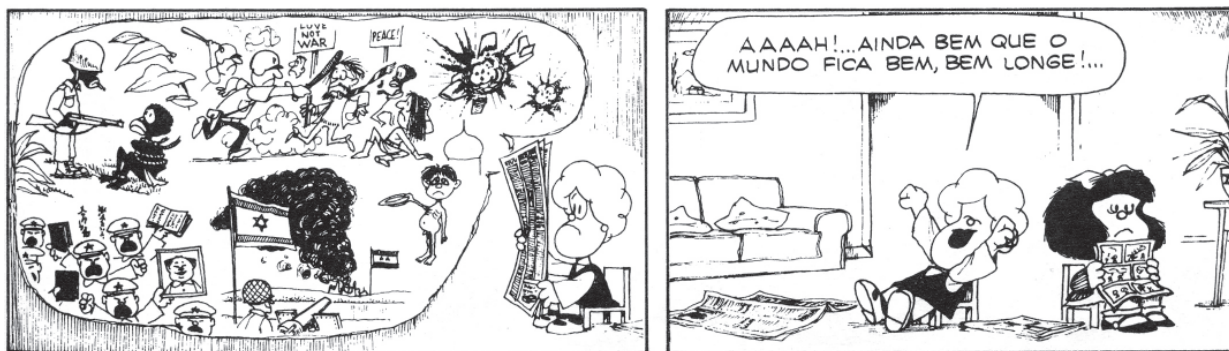
O contato com os outros favorece diretamente o aprender a relacionar-se, na medida em que desenvolve a capacidade de lidar com a diversidade cultural e com a desigualdade social. Os alunos ficam expostos a situações em que será preciso lidar com o descaso, o preconceito, a insegurança e a timidez.

Muitos são os desafios quando os alunos participam de um projeto social integrando a comunidade escolar e a comunidade. Em um mundo marcado pelo advento das tecnologias da informação e da comunicação, a aprendizagem não se restringe a determinados espaços, tempos e saberes.

Nossos jovens precisam aprender a conhecer, a participar crítica e ativamente da sociedade, a buscar informações. A realidade ultrapassa os muros da escola e requer atitude questionadora, vontade política, envolvimento e comprometimento.

O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio de participação política.

A formação cidadã é decorrência natural quando se age com respeito, responsabilidade e solidariedade, usando o diálogo como ferramenta para a construção de saberes e a resolução de problemas. A postura da escola, assim, deve ser dialógica e democrática, de modo a entender os alunos não mais como sujeitos passivos, que façam somente o que lhes é cobrado, mas como verdadeiros protagonistas.



Os conteúdos conceituais, os procedimentais e os atitudinais

Existem três tipos de conteúdo: os conteúdos conceituais, os procedimentais e os atitudinais.

Os conceituais representam os fatos e os princípios, são o alicerce fundamental que favorece a assimilação e a organização da informação. Mas a simples transposição didática dos conteúdos conceituais não garante que o aluno se aproprie dela, que construa conhecimento. O aluno pode memorizar os fatos sem saber lidar com eles.

Entram em ação, então, os conteúdos procedimentais, que visam ao saber fazer, e esse é um processo que, na maioria das vezes, não é individual, necessita da intervenção de um educador.

Permeando constantemente esses dois conteúdos, temos aqueles atitudinais denominados, que estão presentes em todo o conhecimento escolar, imbricados no cotidiano, e possibilitam ao aluno se posicionar diante do aprendido. Com a aprendizagem dos conteúdos atitudinais, o aluno passa a ter um posicionamento perante uma situação-problema.

Pode-se compreender, portanto, que o aluno estude e aprenda a construir seu próprio conhecimento acerca dos conteúdos de geografia, português, matemática etc., mas não é possível aprender a ser humano sem a relação e o convívio com outros seres humanos (Arroyo, 2000). É principalmente pelos conteúdos atitudinais que a educação se humaniza e humaniza o homem. A possibilidade de trabalhar integralmente com os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais é que justifica a inserção do voluntariado educativo no projeto político-pedagógico das escolas.

2.4 Resgate teórico

Podemos encontrar referências a práticas condizentes com o voluntariado educativo em John Dewey (1859-1952). Fragmentos de sua teoria, como “a educação para a vida”, tiveram uma forte influência na renovação didática e trouxeram para a escola a discussão sobre a formação pessoal e social do aluno para além da formação anteriormente centrada no acúmulo de conteúdos curriculares.

Dewey (1959) considera a experiência, e não simplesmente o acesso a informação, como elemento fundamental para o processo de aprendizagem. Para ele, a educação é uma reorganização da experiência, que melhora a capacidade de dirigirmos o curso das experiências subsequentes.

Propiciar a participação em projetos sociais contribui significativamente para a aprendizagem, na medida em que se criam situações em que os alunos podem experienciar a participação social e, dessa forma, aplicar, utilizar e contextualizar os saberes escolares no desenvolvimento de problemas reais. Segundo Dewey, aprendemos o que usamos, o que experienciamos.

Dewey pontuou também a eficiência social como finalidade educativa, significando o cultivo da capacidade de participar plenamente de atividades sociais, assim como acreditamos que o voluntariado com intencionalidade pedagógica contribui para a aprendizagem de valores como cidadania e solidariedade.

A obra de Paulo Freire (1921-1997) também aponta para uma forte preocupação com a contextualização da aprendizagem. Posterior a Dewey, Freire recebe tal influência e coloca sua pedagogia a serviço da emancipação social, na medida em que busca formar cidadãos capazes de praticar a solidariedade e contribuir para a formação de uma consciência coletiva humanizadora, política e crítica.

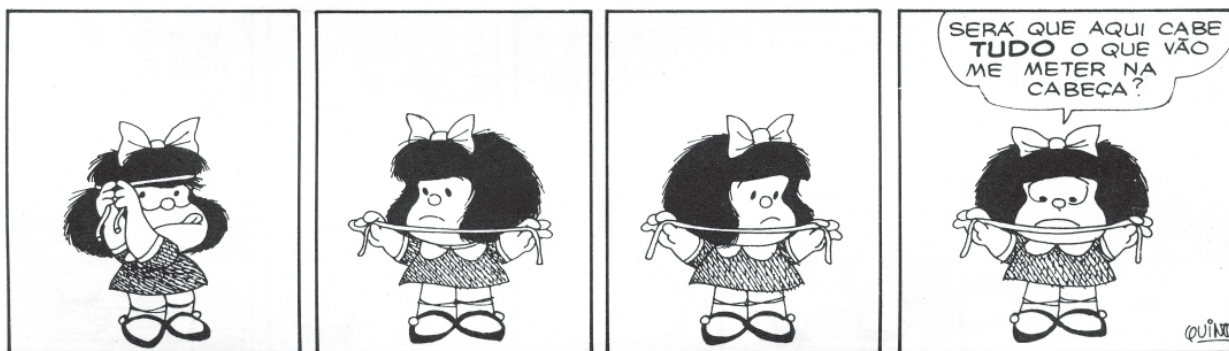
Nesse sentido, o voluntariado educativo encontra também na pedagogia freireana a força de que precisa para indicar uma proposta pedagógica baseada em um conhecimento construído coletivamente, contextualizado, traduzindo-se em participação efetiva na comunidade.

Para Freire (1997), os alunos devem aprender a não estar no mundo de passagem, constatando apenas.

A participação em projetos de voluntariado com finalidade educativa permite essa compreensão.

Para desenvolver uma gestão democrática à moda freireana, a escola precisa ter um projeto político-pedagógico compartilhado, construído coletivamente, com participação da comunidade, compreendida, nesse contexto, como comunidade educativa.

Percebemos, portanto, a força da escola aberta, construída pela co-responsabilidade de sua equipe, de sua comunidade, de sua cidade. Compreendemos que a escola não é só alunos, nem só direção, nem só professores. Ela é um espaço formal de educação que envolve todos os agentes. Daí a importância de repensarmos estratégias educativas que permitam a articulação entre todos os seus atores para fortalecer a relação escola-comunidade. Daí a importância de pensarmos o voluntariado educativo como uma estratégia de educação.



2.5 Uma nova forma de aprender

A escola é um espaço de:

- educação formal;
- aprendizagem de conteúdos específicos e saberes curriculares;
- formação pessoal e coletiva;
- convivência social.

Projetos de voluntariado educativo criam espaços de articulação entre escola e comunidade, propiciando aos alunos a aprendizagem de saberes escolares por atividades solidárias vivenciadas na comunidade, com outros jovens e com as famílias.

Por exemplo...

Fundada em 1954 na comunidade de Santo Antônio de Lisboa, a 13 quilômetros do centro de Florianópolis (SC), a Escola Estadual Dr. Paulo Fontes envolveu a comunidade escolar em um projeto cultural e histórico.

Arte e cultura, além da própria juventude, são os fios condutores do projeto “Espaços culturais que se reconstróem a cada dia”, voltado para alunos do ensino médio noturno – período em que a escola recebe estudantes do ensino médio e da 8ª série do ensino fundamental de oito anos.

O objetivo foi identificar atividades e brincadeiras culturais e populares existentes nas comunidades de Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui, como forma de potencializar e qualificar o processo de aprendizagem, além de resgatar valores esquecidos.

O projeto envolveu pais, professores, alunos e funcionários de forma ativa e participativa, bem como a população local, em especial moradores mais antigos, que participaram de entrevistas informais como forma de resgatar costumes e manifestações da cultura popular – por exemplo, a Festa do Divino Espírito Santo, a Festa da Santa Cruz, a culinária e a história locais –, envolvendo as comunidades na construção de uma escola mais solidária e participativa.

Sem desvirtuar as funções essenciais de formação e construção do conhecimento, o voluntariado educativo exerce na escola uma função catalisadora e estimuladora para o jovem estudante, preparando-o para a participação social e política. Por sua vez, o conhecimento escolar passa a ser valorizado pelo aluno e pela comunidade, reforçando o papel primordial da escola.

O envolvimento com voluntariado educativo pressupõe a construção de um projeto socio-educativo, o que propicia o desenvolvimento de competências, como se verá mais adiante. Essa construção não se dá ao acaso: o aluno precisará lançar mão de seu repertório teórico, e sua participação exigirá tomada de decisões, comprometimento, desembaraço, protagonismo, pró-atividade.

Na tarefa de fazer a contabilidade de uma creche, redigir cartas para analfabetos, desenvolver uma campanha para uso racional de água ou mesmo conhecer uma determinada época por meio do relato de idosos, por exemplo, a prática do voluntariado acaba por fixar melhor, respectivamente, conhecimentos de matemática, português, ciências e história, enquanto fortalece competências e habilidades fundamentais para a formação pessoal e social do educando.

Ensinar, fazer na prática e discutir em grupo – atividades inerentes à prática do voluntariado educativo – são ações que fixam conceitos, ensinam valores e, na maioria dos casos, são muito mais eficazes do que aulas expositivas tradicionais, leituras e demonstrações.

O voluntariado educativo renova a escola, não apenas reforçando seu papel como um espaço de cidadania mas incorporando alguns de seus pressupostos, como a orientação para uma aprendizagem vinculada à vida e para a formação de pessoas críticas, politizadas, autônomas e criativas.



Proposta eficaz

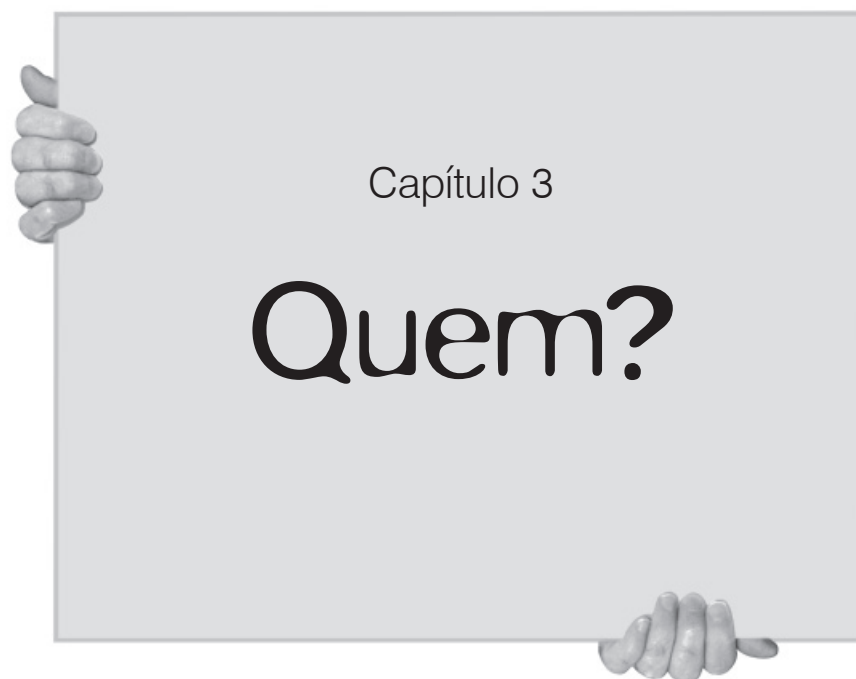
O Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) detectou uma situação dramática nas escolas das redes de ensino de todo o país. Segundo dados de 2001, 59% das crianças da 4ª série, ou seja, com quatro anos de escolarização, ainda eram analfabetas.

Dados atuais indicam que, de cada dez crianças que iniciam a educação básica, apenas três chegam a seu final (conclusão do ensino médio). A elevada evasão e o abandono escolar, a distorção idade-série e a baixa qualidade de ensino demonstram que a política educacional brasileira não tem agido de forma eficaz de modo a assegurar a universalização da educação, proposta na Constituição de 1988.

Várias são as causas que poderiam ser apontadas para explicar essa conjuntura: políticas educacionais, crise de valores da humanidade, desprestígio da função da escola e formação insuficiente dos professores, entre outras. Um dado, porém, aparece de forma relevante nas pesquisas: a desmotivação e o desinteresse dos alunos pela aprendizagem. É preciso lembrar que esses dados surgem costumeiramente em estudos educacionais, independentemente da região, da classe social ou da forma de gestão (pública ou privada) das escolas pesquisadas.

Uma das formas de solucionar esse problema poderia passar por uma alteração metodológica que trouxesse significado à aprendizagem. Uma educação perpassada pela ética e pela estética inspiradas na relação “homem-no-mundo”, que ofereça à criança, ao adolescente, ao jovem situações educacionais que lhes permitam estar no mundo, construindo o seu “ser-no-mundo-com-os-outros”, pela relação com as pessoas e com a sociedade (Freire, 2001).

Nesse sentido, o voluntariado educativo, graças às suas características, pode transformar a escola, na medida em que permite que conteúdos escolares sejam impregnados de vida e significância, conseqüentemente tornando a escola motivadora e interessante.



“Mãos de homens e de povos que se estendam menos em gestos de súplica, e se vão fazendo cada vez mais, mãos humanas que transformam o mundo.”

Paulo Freire

Quem são os atores do voluntariado educativo na escola? Quem pode participar de projetos de voluntariado educativo? Com quem a escola pode contar? Essas e outras questões serão abordadas neste capítulo. Talvez você até já saiba a resposta...

3.1 A educação é tarefa de todos

Quando os problemas são comuns a todos, não faz sentido isolar-se na busca de uma solução; a duplicação de esforços apenas provoca aumento de custo, retardamento e enfraquecimento de resultados. Portanto, é fundamental que haja o estabelecimento de redes e parcerias.

As organizações educacionais, sociais e governamentais, fazendo parte do mesmo contexto social, cultural e econômico, não podem ser diferentes das demais organizações. Para enfrentar os novos desafios e alcançar um crescimento conjunto, é necessário participar de uma rede de apoio mútuo.

A educação para a solidariedade é tarefa de todos, dentro e fora da escola. Assim, todos podem ser atores e participar de um projeto de voluntariado educativo. Na equipe escolar: alunos, professores, coordenadores, diretores e outros funcionários; na comunidade: familiares, estabelecimentos comerciais, hospitais, órgãos públicos, organizações sociais, outras escolas.

A escola pode estabelecer vínculos com pessoas e grupos que permitam abordar uma determinada problemática a partir de lugares distintos, mediante abordagens distintas. Em se tratando de voluntariado educativo, os estudantes são protagonistas e beneficiários das ações planejadas, independentemente do público atendido. Isso porque, não importa a ação, o aluno é beneficiado em sua formação.

O jovem que decide fazer uma ação voluntária participa da decisão de como fazê-la, participa da execução e da reflexão de tudo o que for feito e, portanto, participa dos resultados. Tudo isso com a orientação do educador.

O professor, que organiza com seus alunos projetos de voluntariado educativo, cria oportunidades de aprendizagem para além da sala de aula, apoiando-os na busca de soluções para problemas reais.

Quando os educandos têm a oportunidade de vivenciar valores, mostram-se mais preparados socialmente, mais aptos a defender seus pontos de vista e interesses, amadurecem o respeito pela vida digna, tornam-se mais críticos, construtivos, criativos e solidários.

Atuar em rede é reconhecer o fato de que juntos, mediante a combinação de talentos e esforços, é possível fazer mais e melhor. Por isso, além do importante envolvimento de pro-

fessores, coordenadores, diretores e outros funcionários da escola, vale destacar o potencial positivo da contribuição oferecida pela comunidade.

A idéia central aqui é a de “comunidade educadora”. A educação deixa de ser vista como obrigação apenas da escola e passa a ser assumida por toda a comunidade, afinal “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1993).



3.2 Parcerias e redes

Deve-se, aqui, fazer uma distinção entre parcerias e redes. Parceria diz respeito à associação que as organizações estabelecem entre si, com o objetivo de se apoiarem reciprocamente e tirarem alguma vantagem dessa associação, seja no desenvolvimento de algum projeto, seja no cumprimento de suas metas ou na luta por uma causa em comum. As duas partes ganham, mas não há, necessariamente, transformação interna; os parceiros geralmente seguem preservando a sua identidade inicial.

Por exemplo...

A Escola Estadual Professor Bolívar Bordallo da Silva, de Bragança (PA), vem realizando, ao longo de sua história, vários projetos na área educacional e social.

Todos na escola sabem da importância das parcerias para que suas ações se concretizem. É o caso, entre outros, do projeto “Saúde bucal”, cujo principal objetivo foi mapear tratar e orientar os alunos do ensino fundamental em relação à cárie.

Para que o projeto acontecesse, foram fundamentais as parcerias estabelecidas com especialistas da Secretaria Municipal de Saúde de Bragança, que se responsabilizou pelos procedimentos metodológicos, e com o comércio local, que doou escovas e creme dental para as atividades práticas. Os alunos, então, participaram da confecção de fantoches e da montagem de uma apresentação de teatro sobre a prevenção da cárie.

O projeto foi significativo para toda a comunidade escolar e municipal, pois foi apresentado em várias instâncias do Estado do Pará e, assim, deu referências importantes para a escola e para a Secretaria Municipal de Saúde.

A escola sabe que, quando existe parceria e voluntários, a educação não só educa, mas reconhece o cidadão como protagonista do processo histórico e social.

Rede, por sua vez, diz respeito à intercomunicação constante entre organizações e/ou pessoas envolvidas na busca de objetivos comuns. As redes são abertas e dinâmicas e só existem pela ação constante de comunicação, associação e intercâmbio entre todos os seus componentes.

Luck (2000), porém, alerta para o fato de que não basta apenas haver objetivos e propósitos para construir uma rede. É preciso dedicação continuada e atenção especial para garantir seu funcionamento.

Alguns princípios que podem ser adotados para o desenvolvimento da rede com sucesso:

- Reconhecimento de que todos fazem parte de um sistema e que, assim, o que acontece em um afeta os demais e o conjunto todo.
- Todas as pessoas e organizações envolvidas têm igual valor, independentemente das suas características.

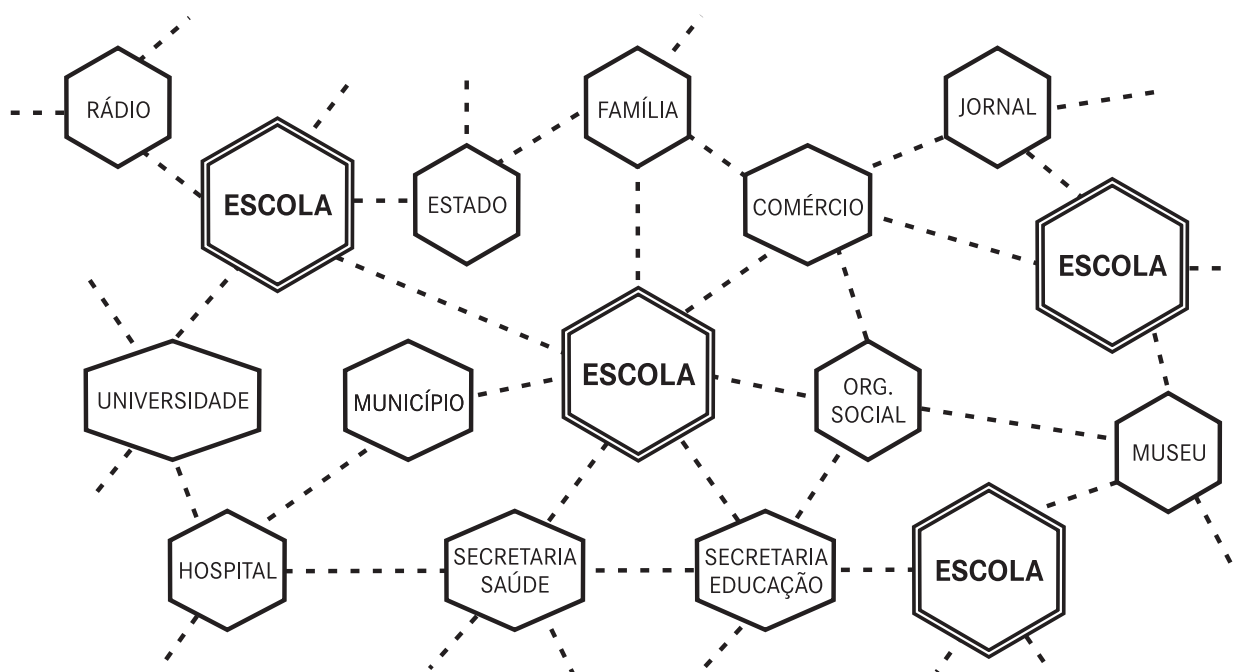
- Identificação de necessidades comuns, de caráter construtivo e estratégico, como norteadoras das ações em rede.
- Estabelecimento de um compromisso conjunto para o atendimento dessas necessidades e cultivo de entusiasmo e práticas de intercâmbio e reciprocidade (Luck, 2000).

Algumas estratégias de voluntariado educativo que podem ser desenvolvidas em rede:

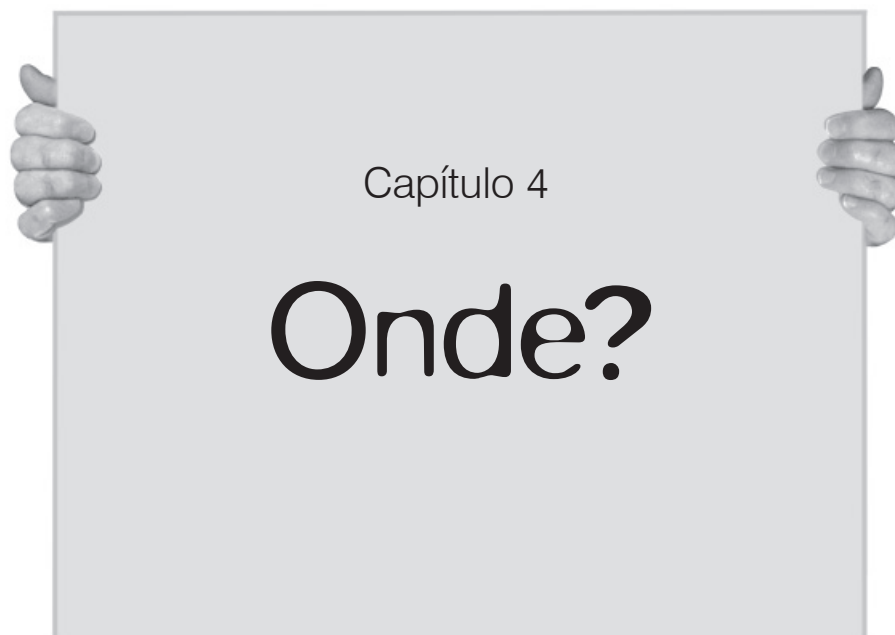
- Manutenção dos contatos como forma de troca de experiências.
- Estabelecimento de intercâmbio entre outras escolas, na busca de referências positivas para a melhoria do trabalho de voluntariado educativo.
- Formação de fóruns temáticos, grupos de estudo e reflexão sobre temas sociais e ambientais, tendo por base a análise de experiências diversificadas na área.
- Divulgação de conhecimentos produzidos no contexto da rede e fora dela, de modo a incentivar o voluntário educativo.
- Promoção de eventos, visitas entre as instituições e intercâmbio das experiências.
- Constante troca de informações e divulgação e intercomunicação, por meio de correspondência, boletins informativos, fax, telefone e e-mail.

As escolas podem ser pontos de conexão em uma rede de projetos de voluntariado educativo. Juntas, em uma rede aberta e dinâmica, que facilite o surgimento de uma cultura de colaboração entre educadores e educandos, elas têm mais condições de atingir seus objetivos.

A força da rede está centrada na construção conjunta de relações de cooperação, na troca de experiências de vida e trabalho, na reciprocidade, no compromisso e na responsabilidade.







“Minha escola é um centro conectado à comunidade circundante, de modo a reduzir a distância entre texto e contexto, saber e compromisso social, e introduz no currículo, como tema transversal, a cultura e a prática do voluntariado.”

Frei Betto

A escola é espaço formal de aprendizagem e, portanto, espaço de ensino. Toda e qualquer atividade que envolva a escola deve passar por este crivo: os alunos aprendem algo relevante? Os professores ensinam melhor com isso? (Mello, 2004.)

Projetos de voluntariado educativo desenvolvidos pelas escolas podem ser realizados em qualquer ambiente, mas precisam estar alinhados a seu projeto pedagógico, do contrário são apenas projetos de voluntariado.

Os projetos de voluntariado educativo transbordam as paredes da sala de aula. Do mesmo modo que um hospital pode ser um cenário ideal, é também possível fazer ações solidárias em – e para – um parque, um museu, um rio, uma organização social ou mesmo na própria escola, entre outras tantas possibilidades.

A variedade de opções, contudo, não significa que todas as ações têm a mesma natureza ou os mesmos moldes. De uma forma geral, podemos agrupar os projetos de voluntariado educativo a partir de três grandes grupos. São eles: escola-comunidade, comunidade-escola e escola-escola.

4.1 Escola-comunidade

“Quando a escola se integra à comunidade,
a comunidade se integra à escola.”

Professora Suely Santos,
Ciep Rubens Gomes,
Rio de Janeiro (RJ)

Esse tipo de trabalho voluntário está pautado na aprendizagem contextualizada de conteúdos curriculares a partir do envolvimento dos alunos em ações ou projetos sociais.

Considerando-se a proposta de construir projetos a partir da identificação de alguma necessidade, é natural que crianças e adolescentes tragam problemas vividos por si, pelos pais ou pelos vizinhos, ou ainda situações incômodas que não afetam diretamente uma pessoa – mas, por exemplo, a natureza que os cerca.

Tais projetos são bastante eficazes para dar significado aos conteúdos curriculares e à vivência de valores. Se articulados à proposta pedagógica da escola, projetos de voluntariado educativo complementam o trabalho em sala de aula, trazendo elementos enriquecedores para o tratamento de temas transversais, enquanto os alunos aprendem a ser mais críticos, construtivos, criativos e solidários.

Incluem-se nessa categoria projetos de coleta seletiva de lixo, de conscientização da população sobre a importância de alimentar-se de modo balanceado, de acompanhamento de creches, asilos e outras instituições, de recuperação de praças, de monitoramento ambiental... enfim, a lista é longa.

Por exemplo...

Na Escola Estadual Professor Ottoniel Junqueira, em Peruíbe (SP), a iniciativa do projeto “Amar o mar” foi do professor de biologia. Por meio dele, os educandos aprendem noções básicas de ecologia, principais problemas ambientais, conservação do meio ambiente, ecossistemas costeiros, entre outros temas.

Em sala de aula, os estudantes aprendem os conceitos e uma vez por mês eles saem a campo para o estudo do meio e atividades práticas. A partir dessa tarefa os alunos e professor elaboraram uma “ficha de limpeza”. Nela há os principais resíduos retirados da areia e do mar e a quantidade.

Graças ao projeto, foi possível observar a redução de materiais abandonados na Praia do Costão, um dos locais de estudo. “No primeiro ano, notamos que o plástico representava 78% do total coletado na área, caindo para 44% três anos depois”. O resultado é decorrente de um longo trabalho de educação ambiental.

4.2 Comunidade-escola

A escola precisa ser compreendida pela sociedade como um núcleo de cidadania, e não como uma simples prestadora de serviços. Quanto mais aberta e direta for a relação comunidade-escola, melhor ela acontecerá.

Esses são princípios de uma proposta pautada na gestão democrática, mediante a qual a comunidade encontra maneiras de contribuir para a qualidade da educação oferecida pela escola.

Muitas vezes, os moradores vizinhos à escola e os próprios familiares dos alunos já estudaram nela e gostariam de contribuir, de apoiar, de participar das atividades escolares.

Se a comunidade quiser contribuir, ela pode, e até deve. Mas nem sempre essa contribuição terá um caráter educativo. Para que pais e comunidade participem efetivamente da vida escolar, é preciso que exista um envolvimento com a proposta educativa da escola, que essa participação contribua efetivamente para melhorar o processo de ensino e de aprendizagem.

Projetos de voluntariado educativo do tipo comunidade-escola demandam atenção e coordenação, para que as contribuições dos voluntários não substituam ou se confundam com atividades de responsabilidade dos funcionários da escola.

A participação dos voluntários precisa estar planejada de acordo com o projeto político-pedagógico da escola. Nesse planejamento, cabe à escola estabelecer e avaliar suas próprias necessidades pedagógicas e de infra-estrutura; também é importante que cada voluntário se sinta acolhido, útil e saiba como irá atuar – é preciso, portanto, que a escola esteja preparada para recebê-los e orientá-los.

Uma das mais expressivas experiências de incentivo à participação da comunidade em atividades e projetos de voluntariado educativo na escola é o projeto Amigos da Escola, realizado pela Rede Globo e pela Petrobras. Desde 2005, conta com a parceria do Consed, da Undime e do Instituto Faça Parte, que atua como facilitador e articulador institucional, além de assegurar a base conceitual e metodológica.

Segundo Guiomar Namó de Mello, o melhor indicador para verificar se a contribuição dos voluntários permite a eles uma participação efetiva na escola pode partir de algumas reflexões cruciais: os voluntários ampliam seu conhecimento sobre o papel mais importante da escola e sabem como podem acompanhá-la para ver se ela está desempenhando bem esse papel? A ajuda deles abriu-lhes os olhos sobre a importância da escola na vida de seus filhos e os levou a tomar algumas atitudes, como criar espaço para que seus filhos estudem em casa? Eles aprendem enquanto participam da atividade que desenvolvem?

A sintonia entre a equipe escolar e o voluntário também é fundamental para o sucesso da ação. Para promover essa sintonia, a escola precisa criar oportunidades de convivência, tanto em eventos sociais como em projetos socioeducativos, reconhecendo igualmente o apoio e a participação de todos, inclusive compartilhando metas, objetivos e resultados das atividades desenvolvidas. Assim, o voluntário se inteirará, aos poucos, sobre o funcionamento da escola, sua missão, seus valores e sua cultura, além de conhecer seu projeto político-pedagógico.

Vale ressaltar que, pedindo a assinatura do Termo de Adesão (ver Anexo 2), a escola se protege de eventuais problemas, por exemplo reclamações de vínculo empregatício por parte do voluntário.

Do mesmo modo, quando os voluntários são os alunos, é necessário que uma autorização dos pais para que eles participem das atividades socioeducativas fora da escola (ver Anexo 3).

Por exemplo...

O projeto “Vestmac” (Vestibular Marcelino Champagnat), da Escola Estadual Marcelino Champagnat, de Fortaleza (CE), consiste em um cursinho preparatório para o vestibular destinado aos alunos da escola e da comunidade. Essa iniciativa partiu do núcleo gestor, juntamente com um grupo de professores e voluntários, os quais se comprometeram a ministrar aulas aos sábados.

Um fator relevante para a criação desse projeto é o fato de que a escola está localizada em um bairro de famílias com baixíssima renda, que não dispõem de recursos para freqüentarem cursinhos particulares.

“Pensando nas dificuldades enfrentadas pela comunidade a que a escola pertence, consideramos importante oferecer aos alunos uma oportunidade de preparação para o ensino superior”, comenta um voluntário envolvido no projeto.

4.3 Escola-escola

São projetos realizados por integrantes da comunidade escolar e voltados para atividades dentro da própria escola (monitoria, reforço escolar e infra-estrutura, entre outros) ou entre escolas.

Não há diferenças radicais entre projetos intra-escolares e interescolares. Em ambos os casos, verifica-se um caráter predominantemente educativo, com especial participação da comunidade escolar. O ganho é ainda maior quando se estabelecem parcerias com vistas à formação de redes, conforme abordado no capítulo 3.

Um projeto “clássico” de voluntariado educativo escola-escola é o de monitoria, pelo qual alunos ajudam seus pares a compreender o conteúdo de aula, sempre com a orientação de professores – um procedimento eficaz não apenas para os receptores da ação, que esclarecem suas dúvidas, mas também para os agentes, que têm a possibilidade de consolidar conhecimentos adquiridos anteriormente.

Por exemplo...

O projeto “Gamar” (Grupo de Arte Maria Aragão) começou há cinco anos e transformou a UI Maria José Aragão, de São Luis (MA). Antigamente, os índices de violência e evasão eram grandes e a fama da instituição não era nada boa. Após o projeto, o lema passou a ser “Aqui se cultiva educação e arte para colher cidadania”.

As duas grandes frentes de atuação do projeto são leitura/reforço escolar e arte. As atividades acontecem as segundas e quartas-feiras. No primeiro dia são atendidos estudantes de 5ª e 6ª séries e no segundo, 7ª e 8ª séries, do ensino fundamental de oito anos. Na outra frente de trabalho, dez estudantes são multiplicadores da ação do Gamar em suas comunidades. Eles dão aulas de teatro para crianças e jovens e montam peças de teatro. Com as ações, a escola conseguiu reduzir a praticamente zero o índice de evasão escolar e as notas dos alunos melhoraram.

Outro projeto recorrente é o cultivo de hortas comunitárias, que pode envolver alunos de diversas séries. Ao fazer a ponte com conceitos aprendidos em sala de aula, a atividade prática dá significado ao aprendizado teórico.

Essencialmente, projetos de voluntariado educativo interescolares dependem da cooperação entre duas ou mais escolas. No caso do projeto de monitoria, os alunos de uma escola atuam como monitores em outra.



“A cidadania, no trabalho em grupos, se constrói pelo reconhecimento e respeito às diferenças individuais, pelo combate aos preconceitos, às discriminações e aos privilégios, pela participação no processo grupal, pela ampliação da consciência em relação aos direitos e deveres e pela confiança no potencial de transformação de cada um.”

Antonio Carlos Gomes da Costa

De acordo com os relatos das escolas inscritas no Selo Escola Solidária, podemos perceber que as ações de voluntariado educativo mais bem planejadas apresentam resultados melhores, tanto em relação ao rendimento escolar como na ação social propriamente dita.

Sendo assim, consideramos que a prática do voluntariado educativo terá melhores resultados se organizada a partir de uma metodologia de projeto. Não existe, porém, uma metodologia específica para o desenvolvimento de um projeto de voluntariado educativo. A comunidade escolar deve planejar suas atividades de acordo com seus objetivos, com a área de atuação e com a realidade local.

Os projetos desenvolvidos pela escola são considerados educativos se contribuírem para o processo de ensino e de aprendizagem e são considerados sociais quando realizam uma atividade de caráter social na própria escola ou na comunidade. No entanto, os projetos de voluntariado educativo são aqueles cujas atividades são de intervenção social e foram planejadas com a intenção de propiciar a aprendizagem cognitiva, emocional e social do educando.

A elaboração de um projeto de voluntariado educativo traz benefícios para todos que dela participam, notadamente se forem alunos. Quem participa de um projeto socioeducativo exercita a análise da realidade, estabelece objetivos, aprende a trabalhar em grupo, a resolver problemas reais, a administrar recursos materiais, financeiros e humanos, a conviver e a transformar a realidade.

5.1 Diferentes práticas socioeducativas

A qualidade das práticas socioeducativas está associada a diversos fatores: a satisfação de quem recebe a ação, os impactos mensuráveis na qualidade de vida da comunidade, a possibilidade de alcançar objetivos de mudança social a médio e longo prazo – e não apenas de satisfazer necessidades urgentes uma única vez – e a constituição de redes interinstitucionais que garantam a sustentabilidade das propostas. Essas práticas podem ser definidas, grosso modo, em quatro grupos.

Quadro das possibilidades de trabalho social na escola:



I - Voluntariado educativo

Podemos dizer que o serviço à comunidade é voluntariado educativo quando planejado:

- em conformidade com a proposta político-pedagógica da escola;
- com a participação de atores da comunidade educativa, incluindo direção, professores, demais funcionários e alunos;
- para contextualizar os saberes escolares a partir da participação dos alunos na busca por soluções para problemas reais;
- para responder a uma demanda efetiva da comunidade.

O voluntariado educativo pode ser definido, portanto, como um serviço solidário:

- planejado de forma integrada à proposta pedagógica da escola, para promover a aprendizagem de conteúdos curriculares de modo contextualizado;
- destinado a atender necessidades reais da comunidade;
- destinado a integrar a escola à comunidade, criando espaços efetivos de aprendizagem, trabalho e transformação social;
- que, preferencialmente, conta com a participação de alunos e do professor orientador, entre outros atores da comunidade escolar.



II - Trabalhos de campo

Incluem-se aqui atividades e pesquisas que envolvem os alunos com a realidade da comunidade como objeto de estudo. A finalidade do trabalho de campo é unicamente o diagnóstico, para ser discutido dentro do contexto de alguma disciplina. Esse tipo de atividade envolve o conhecimento da realidade, mas não se propõe a transformá-la ou a prestar um serviço.

De trabalhos de campo para o voluntariado educativo

Muitas escolas são consideradas conteudistas, por centrarem seus esforços no cumprimento do conteúdo programático das disciplinas. São casos em que, não raro, os professores consideram a metodologia de projetos muito trabalhosa ou até mesmo perda de tempo.

Mas há inúmeras experiências que começaram como projetos escolares de pesquisa e, aos poucos, dispuseram esses conhecimentos a serviço da comunidade e se transformaram em excelentes experiências de voluntariado educativo.

Por exemplo...

Durante o ano letivo de 2004, na Semef (Segunda Escola Municipal de Ensino Fundamental), em São Caetano do Sul (SP), as aulas de ciências transcorriam normalmente, com estudos sobre o meio ambiente e seus subtemas, como lixo e reciclagem.

Foi aí que, na 6ª série do ensino fundamental de oito anos, surgiu a idéia de transformar a conceitualização em ação. Com a ajuda da professora, foram planejadas oficinas de artesanato com técnicas de reutilização de materiais recicláveis, e para isso também seria necessário instituir coleta seletiva.

Nas oficinas, os alunos participam de atividades de reciclagem nas quais vivenciam os conceitos e atitudes trabalhados em classe pelos professores, assim como a prática cooperativa e solidária, o respeito ao próximo e ao meio ambiente.

Mais além, os alunos envolvidos nas oficinas coletam informações sobre os asilos e orfanatos da cidade de São Caetano do Sul, verificam suas necessidades e doam os materiais arrecadados com a coleta seletiva, com o objetivo de contribuir cooperativamente para as instituições.

Parte do dinheiro obtido com a venda de papel e de trabalhos artesanais é destinada para a aquisição de materiais de consumo utilizados nas oficinas.

O objetivo de melhorar a qualidade de vida da comunidade escolar e contribuir para a aquisição de conhecimentos sobre o ambiente tem se constatado na prática, e o projeto, de tão bem-sucedido, se estendeu para outras séries do ensino fundamental II.



III - Iniciativas solidárias assistemáticas

Definem-se por sua intencionalidade solidária, mas têm pouca ou nenhuma integração com o aprendizado formal. São atividades ocasionais, que tendem a atender uma necessidade pontual da comunidade.

Em geral, surgem espontaneamente, sem nenhum planejamento educativo. Mesmo assim, iniciativas solidárias assistemáticas podem gerar benefícios positivos para os alunos, pois:

- estimulam a formação de atitudes participativas e solidárias;
- permitem a sensibilização para certas problemáticas sociais e ambientais;
- oferecem aos estudantes a possibilidade de aprender procedimentos básicos de gestão.

Apesar de seus resultados positivos, a qualidade desse tipo de iniciativa é considerada baixa, pois uma ação assistemática tem possibilidades menores de gerar soluções duradouras a um problema social e não envolve os alunos num comprometimento pessoal em sua solução. Além disso, esse tipo de ação não se articula com os aprendizados disciplinares.

Reconhecemos, mesmo assim, que esse tipo de atividade pode ser um ponto de partida para o desenvolvimento de um projeto de voluntariado educativo.

De iniciativas assistemáticas para a promoção social

Primeiramente, é necessário reconhecer que, sobretudo em situações emergenciais, ações assistenciais são fundamentais, embora elas não possam ser compreendidas como suficientes. Mas, sempre que possível, é preciso ir além, criando espaços de promoção social, com soluções que propiciem o desenvolvimento sustentável da comunidade atendida.

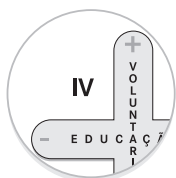
O quadro abaixo ajuda a diferenciar, em termos gerais, o assistencialismo e a promoção social.

Assistencialismo	Promoção social
Atende problemas emergentes	Atende problemáticas estruturais
Curto prazo	Médio e longo prazo
Distribui bens materiais	Desenvolve competências e recursos
Os destinatários são passivos	Exige o protagonismo dos destinatários

De acordo com as inscrições no Selo Escola Solidária, a maioria das escolas ainda realiza ações pontuais, desvinculadas dos conteúdos curriculares.

No entanto, podemos perceber também um número crescente de escolas desenvolvendo projetos em suas comunidades, trabalhando criativamente, com soluções simples e eficazes, gerando novas formas de participação social.

Ainda nesse contexto, vale ressaltar que é possível e aconselhável considerar a participação do público atendido pelo projeto no planejamento das atividades, definindo-se conjuntamente os objetivos, os recursos disponíveis, as ações propriamente ditas e os resultados esperados.



IV - Serviço comunitário institucional

Esse tipo de experiência se caracteriza por uma decisão da direção da escola em envolver-se em projetos sociais. Sejam voluntárias ou obrigatórias, as atividades propostas são assumidas formalmente, o que não significa que os atores da comunidade escolar se sintam envolvidos.

Sendo assim, ainda que o serviço comunitário resulte no desenvolvimento de atitudes sociais mantidas pela escola, não há intenção formativa, não há integração ao currículo e, portanto, não favorece diretamente o processo de ensino e de aprendizagem.

Do serviço comunitário institucional para o voluntariado educativo

A diferença entre as formas mais clássicas de voluntariado e o voluntariado educativo é fundamentalmente do ponto de vista da intencionalidade pedagógica. Significa dizer que o trabalho voluntário será realizado a partir de uma proposta pedagógica, como experiência formativa. Sendo assim, podemos considerar que a escola que desenvolve projetos de voluntariado educativo está mantendo sua identidade educativa, ou seja, é válido desenvolver qualquer atividade solidária se esta for um meio pelo qual os alunos aprendem tanto os conteúdos curriculares como a participação comunitária de forma consciente e solidária.

Para tanto, é necessário:

- identificar os conteúdos pedagógicos envolvidos;
- selecionar as áreas ou as disciplinas relacionadas ao projeto;
- articular as atividades sociais aos conteúdos curriculares:
 - indicando os conteúdos específicos que estarão envolvidos e como podem ser trabalhados nas diferentes disciplinas;
 - dando projeção social a conteúdos e atividades já presentes no planejamento;
 - incorporando novos conteúdos, atividades e estratégias de aula ao planejamento.

As atividades de voluntariado educativo podem ser articuladas a uma só disciplina ou a mais, em projetos multidisciplinares ou interdisciplinares. Em qualquer que seja o caso, o importante

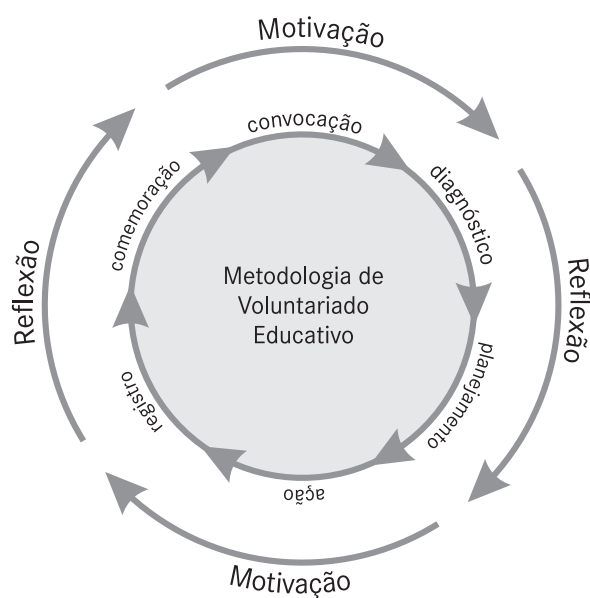
é ter, de forma cada vez mais consistente, a contextualização do conteúdo curricular por meio de ações ou projetos socioeducativos. É desejável ressaltar o prazer em ser voluntário, mostrar como esse trabalho cria situações inéditas de convivência e participação social, transforma para melhor o dia-a-dia da comunidade e é gratificante e dinâmico.

5.2 Metodologia de projetos de voluntariado educativo

Como já dissemos no início deste capítulo, consideramos que a prática do voluntariado educativo terá melhores resultados se organizada a partir de uma metodologia de projeto. Não consideramos, porém, que exista uma metodologia específica para o desenvolvimento de um projeto. A comunidade escolar deve planejar suas atividades de acordo com o seu projeto político-pedagógico, seus objetivos, com a área de atuação e com a realidade local.

Apresentaremos a partir de agora alguns procedimentos que podem ser estudados como um fio condutor à elaboração de projetos de voluntariado educativo pela escola. No entanto, é a realidade local que determinará a necessidade de pular algumas e/ou de reforçar outras etapas aqui apresentadas.

O gráfico abaixo mostra as etapas do projeto de voluntariado educativo, demonstrando que o projeto pode ser sustentável se houver clareza de proposta, motivação e reflexão constantes.



Muitas vezes, um projeto pode começar pela necessidade de organizar atividades que foram iniciadas informalmente e que estão acontecendo de forma desarticulada ou desordenada. Em outras, a idéia pode partir da indignação, da vontade de transformar uma determinada situação.

Mas esse é apenas o movimento inicial. Um projeto de voluntariado educativo é composto por várias etapas, entre as quais destacamos a convocação, o diagnóstico, a elaboração do projeto, a ação, a reflexão, o registro, o reconhecimento e a comemoração.

Um projeto é mais do que a soma de algumas ou de todas as etapas reunidas. É a leitura, a adequação, a motivação, a articulação, a cooperação, a forma, a concepção, o envolvimento e a transformação que o conjunto de esforços pode propiciar.



5.2.1 Motivação

Entre tantos atores e cenários, o interesse em iniciar ou participar de um projeto de voluntariado educativo geralmente parte da identificação com a causa, ou da necessidade de responder a uma demanda da sociedade. Há também casos em que a inquietude inicial brota durante uma atividade escolar ou pela compreensão da própria experiência de vida.

A motivação dependerá do grau de consciência que a comunidade educativa – em particular, os alunos – tenha diante dos problemas comunitários.

O importante é manter o grupo motivado do início ao fim do projeto. Para isso, é fundamental que todas as etapas sejam construídas coletivamente e que cada um conheça o seu papel e saiba como participar.

5.2.2 Convocação

Uma vez identificada a motivação e a necessidade de desenvolver um projeto social ou ambiental, é necessário obter apoio dentro da escola (coordenadores, professores, alunos e funcionários) e fora dela (vizinhança, organizações da sociedade civil, comércio e imprensa locais, associação do bairro etc.).

Convocar é convidar, chamar, informar, conquistar o interesse e o apoio, integrar e comprometer a escola e a comunidade em torno de um só objetivo. Podemos convocar de diferentes formas:

- convidando pais, educadores, alunos e vizinhança para fazerem parte da elaboração do projeto;
- distribuindo cartazes e folhetos pelo bairro e pela escola, para que o projeto ganhe visibilidade;
- realizando seminários e palestras para esclarecer e divulgar o projeto;
- pedindo que a mídia local faça a divulgação;
- indo de sala em sala, enviando e-mails ou até mesmo fazendo divulgação boca a boca, para que todos possam conhecer e participar das ações que serão desenvolvidas.

É verdade que existem projetos que não comportam um grande número de participantes. Ainda assim, é importante estender o convite de envolvimento tanto para os potenciais agentes da ação como para os destinatários, para mobilizar e contar com o apoio de pessoas afins e que poderão contribuir com idéias e recursos. Mas isso só será possível se elas souberem do projeto.

Por exemplo...

Transformar a realidade pode parecer, para muitos, mera força de expressão. Mas certamente esse não é caso da recuperação do córrego Patrimônio, próximo à Escola Estadual Professor Alcyr da Rosa Lima, em Garça (SP).

Tudo começou com a iniciativa de professoras das disciplinas de ciências e matemática, que, indignadas com a degradação do córrego, convidaram alunos da 8ª série e do ensino médio para encontrar formas de reverter a situação.

Antes da ação, houve a reflexão, com estudos em sala de aula. Depois, estudantes e professores identificaram a necessidade de atuação do poder público, que mapeou as ligações ilegais, canalizou-as e redirecionou-as para as estações de tratamento.

Terminada essa etapa, novamente os alunos entraram em ação. Com docentes, saíram pelas ruas do bairro para alertar a população sobre a importância de manter limpo o Patrimônio. Panfletos foram distribuídos e fixados nos principais pontos da região.

Frases como “Água é vida” e “Hoje é dia de nos encontramos. Vamos todos fazer a limpeza de nosso córrego” mobilizaram a população. Muitos moradores participaram do mutirão. Com a ajuda deles também foi possível reflorestar o entorno do córrego. Comunidade, alunos e professores plantaram mais de 500 mudas de árvores.

Agora ocorrem reuniões semanais com os alunos para organizar as tarefas de manutenção do córrego e conscientizar a comunidade. Todo início de ano os educandos levantam as necessidades do projeto para que outras medidas possam ser adotadas.

5.2.3 Diagnóstico

Diagnosticar é identificar as reais necessidades da pessoa, do grupo ou da organização social que receberá a ação voluntária. É também nessa etapa que se conhece o perfil dos participantes, identificando-se que tempo, trabalho e talento os voluntários poderão oferecer ao projeto, para que posteriormente possam ser considerados no plano de ação.

O diagnóstico permite detectar problemas e relações estruturais e identificar possíveis vias de ação. A partir dessa primeira análise, será possível identificar quais serão as ações, os recursos necessários, o tempo de execução, as ferramentas e os meios para a implantação do projeto.

Existem muitas maneiras de diagnosticar:

- entrevistando pessoas da comunidade e das instituições que possam ajudar a traçar o perfil das necessidades locais;
- fazendo e distribuindo questionários, com perguntas abertas (que permitem respostas dissertativas) ou fechadas (com alternativas para a escolha de uma ou mais respostas), para mapear as condições atuais;
- conversando com moradores antigos, com a imprensa, com políticos e lideranças locais, para pesquisar o histórico da comunidade;
- pesquisando materiais jornalísticos;
- fazendo na escola dinâmicas e debates e abertos à comunidade.

Por exemplo...

A Escola Municipal Dr. Moacyr Bacelar, de Coelho Neto (MA), queria despertar o interesse dos pais em acompanhar os estudos de seus filhos. No entanto, quando a escola se aproximou das famílias, percebeu que muitos pais não sabiam ler nem escrever, inviabilizando tal acompanhamento.

Desse diagnóstico, a direção e professores da escola elaboraram um projeto que pudesse unir pais e filhos na tarefa de educar. Os pais dos alunos foram convidados a participar de um curso de alfabetização de adultos que passou a ser oferecido pela escola, e os alunos é que, agora, acompanham os estudos dos pais. Eles levam exercícios para casa, e os professores acompanham para ver se estão encaminhando adequadamente as atividades. Assim, despertou-se nos filhos o prazer em estudar e aprender com seus pais e com a escola.

Recomenda-se que, no diagnóstico, sejam levadas em consideração a opinião e a necessidade do público que será atendido. A perspectiva dos representantes da comunidade enriquece o processo de diagnóstico participativo.

É freqüente encontrar projetos com excelentes diagnósticos mas com escassa intervenção na comunidade, assim como ações solidárias bem-intencionadas, mas pouco eficazes por falta de um diagnóstico adequado.

É necessário, portanto, que o tempo e o esforço dedicados a essa etapa sejam proporcionais ao desenvolvimento total do projeto, e que conduzam à ação.

O diagnóstico pode buscar identificar dados relevantes ao projeto:

- os problemas que afetam um certo grupo de pessoas em um determinado local;
- a inter-relação entre esses problemas;
- as causas geradoras da realidade observada;
- os aspectos estruturais que se encontram presentes, como situação geográfica, estrutura econômica e condições sociais;
- os pontos fortes e as limitações da comunidade educativa, para identificar possibilidades de ação;
- as ações ou os projetos similares já realizados nessa ou em outra comunidade;
- os aspectos educativos e as ações possíveis para o grupo que desenvolverá as ações;
- os obstáculos e as dificuldades;
- os recursos disponíveis;
- as distintas organizações que podem participar do projeto.

Um projeto de voluntariado educativo não deve servir para atender às necessidades que deveriam ser cobertas por instituições públicas. Para que o projeto não tome esse rumo, é fundamental priorizar as necessidades sociais que podem ser atendidas por um projeto pedagógico que, portanto, tenha finalidades educativas.

5.2.4 Elaboração do projeto

A elaboração do projeto é a construção da proposta de trabalho que articula a intencionalidade pedagógica e a intencionalidade solidária. Ela incorpora ferramentas básicas do planejamento pedagógico e algumas questões referentes à execução de projetos sociais:

- O que é? Natureza do projeto.
- Por que fazer? Justificativa.
- Para que fazer? Objetivos do projeto.
- Para quem? Destinatários do serviço a prestar.
- Como? Definição da metodologia e das atividades que cada um realizará.
- Quando? Estimativa de tempos aproximados para cada atividade.
- Quem? Responsáveis pelo projeto.
- Com quê? Recursos humanos, materiais e financeiros.
- Quanto? Determinação de custos.
- Com quem? Possíveis parcerias com outros atores comunitários ou órgãos públicos.

Justificativa, objetivo geral e de aprendizagem e recursos necessários

A justificativa expressa o que leva o grupo a fazer a ação. Ela deve responder à questão “por que fazer?” ou “o que move o grupo a tomar essa iniciativa?”.

Em se tratando de um projeto de voluntariado educativo, é conveniente ressaltar na justificativa o porquê de a instituição considerar que a ação pode beneficiar a comunidade e como ela muda a formação dos alunos. Também podem ser apresentadas explicitamente a proposta socioeducativa e a articulação da ação social nas diferentes áreas do conteúdo curricular.

O objetivo geral é o propósito do projeto, que sintetiza a transformação que se quer alcançar. Ele funciona como um guia, facilitando a ação e a reflexão.

Já os objetivos de aprendizagem são, idealmente, avaliáveis e vinculados à aprendizagem. Na estruturação, consideram-se os conteúdos curriculares vinculados ao projeto ou o tema, sejam valores, atitudes, métodos, habilidades ou procedimentos. Os objetivos sociais também são específicos e avaliáveis, mas traduzem em palavras simples os fatos relacionados ao problema social e ao público-alvo.

Bernardo Toro destaca as aprendizagens de convivência que podem ser trabalhadas em projetos de voluntariado educativo:

- aprender a conviver com a diferença;
- aprender a comunicar;
- aprender a interagir;
- aprender a decidir em grupo;
- aprender a zelar pela saúde;
- aprender a cuidar do ambiente;
- aprender a valorizar o saber social.



A seleção das atividades deverá ser feita com o objetivo de alcançar aprendizados significativos e propiciar a transformação social. Nesse sentido, é importante relacionar cada atividade a um resultado esperado.

É aconselhável distinguir com clareza quais são as atividades e quais serão os conteúdos trabalhados. Sugere-se identificar as áreas de conhecimento e indicar, da forma mais objetiva possível, cada conteúdo em si.

Ao elaborar o projeto, é importante fazer uma previsão de quanto tempo será necessário para cada atividade e quem é o responsável por elas.

O estudo de viabilidade pode incluir vários aspectos, desde os técnicos e econômicos, até os legais e socioculturais. Deverão ser considerados os recursos necessários (espaços físicos, livros, ferramentas, papelaria etc.), assinalando de quais se dispõe, quais podem ser obtidos gratuitamente e quais exigirão gastos.

Realizar um registro ordenado dos gastos, guardar todos os comprovantes de pagamento realizados e elaborar informes sistemáticos sobre o movimento de dinheiro são alguns procedimentos necessários para organizar a planilha de custo.

Os recursos humanos também precisam ser considerados. Quem se dedicará ao projeto e por quanto tempo são dados que ajudam a analisar a viabilidade e as perspectivas de êxito do projeto. Todos os atores precisam ser considerados. Em qualquer circunstância, as parcerias trazem solidez e criam oportunidades de articulação que se constituem na valorização da participação comunitária.

Uma tabela pode simplificar a visualização entre os participantes do projeto, os objetivos propostos, as atividades e os recursos disponíveis.

Objetivos	Atividades	Resultados esperados	Responsáveis	Recursos

Antes de colocar a mão na massa, uma última conversa com a comunidade escolar pode assegurar a viabilidade do projeto:

- Os objetivos de aprendizagem estão claros?
- Está clara a relação entre os objetivos de aprendizagem e o problema social detectado?
- As atividades previstas respondem aos objetivos anunciados?
- Estão bem definidas as tarefas e responsabilidades de cada participante?
- Com que recursos o grupo conta? São suficientes? Qual é a origem dos recursos materiais? É necessário estabelecer parcerias externas?

5.2.5 Ação

São muitas as possíveis áreas de atuação de projetos, ações ou atividades de voluntariado educativo. Entre outras, podemos citar:

educação:

- reforço escolar;
- capacitação profissional;
- informática;
- creches;

meio ambiente:

- praças e parques;
- animais;
- educação ambiental;
- reciclagem;

saúde:

- hospitais;
- casas de apoio;
- primeiros socorros;
- prevenção a doenças;

assistência social:

- abrigos de idosos;
- geração de renda;
- moradores de rua;
- pessoa com deficiência;
- situação de risco social;

esporte e cultura:

- museus;
- bibliotecas;
- teatro, coral, dança;
- atividades esportivas;

cidadania:

- defesa de direitos;
- desarmamento;
- voto consciente.

O projeto também pode considerar diferentes públicos:

- crianças;
- jovens;
- idosos;
- comunidade em geral.

Durante o desenvolvimento do projeto, deve-se acompanhar tanto as aprendizagens curriculares como o impacto social. A partir da análise, do diagnóstico e do planejamento das ações, os alunos envolvidos tornam-se parte de um projeto que beneficiará a comunidade, em pequenas ou grandes ações, com responsabilidade, criticidade e autonomia, favorecendo diretamente o desenvolvimento de inteligências interpessoais e intrapessoais, essenciais para a formação de cidadãos conscientes.

5.2.6 Reflexão

Refletir é essencial e deve permear todas as etapas do projeto. Sempre que necessário, o grupo deve trocar impressões e idéias, para ver se o resultado da ação corresponde ao esperado. É fundamental que o projeto seja constantemente avaliado por meio de uma reflexão conjunta sobre os seus resultados.

Trata-se de uma oportunidade de pensar sobre os sucessos e impactos das ações realizadas para poder corrigir erros, valorizar os acertos e, eventualmente, fazer modificações que se considerem necessárias. Pode-se, também, analisar se as etapas previstas foram cumpridas e se os objetivos foram alcançados.



Existem inúmeras formas de refletir em grupo, mas é importante considerar o diálogo como essencial no processo educacional. Dialogar é dar voz e vez a todos os integrantes do grupo, permitindo a troca de impressões e reflexões, o que é indispensável para o sucesso do projeto.

A reflexão é uma importante etapa no processo de internalização dos aprendizados e na apropriação do sentido da participação social. Recomenda-se que, no planejamento do projeto, sejam previstos momentos para que se desenvolva a reflexão adequada:

- na preparação: a partir de atividades de aprendizagem anteriores e relacionadas à atividade que será desenvolvida;
- durante o desenvolvimento: voltada para o processamento da experiência, gerando espaços para compartilhar pensamentos e sentimentos, resolver problemas e sugerir correções;
- durante a etapa final e o encerramento: reservando espaços para extrair conclusões.

Na reflexão sugere-se:

- compartilhar inquietações e dúvidas;
- reconhecer as características da atividade, seu impacto nas vivências pessoais, seu vínculo com a aprendizagem;

- avaliar e auto-avaliar o desempenho individual;
- analisar o andamento do projeto, com possibilidade de realizar ajustes;
- desenvolver os eixos temáticos sugeridos pela metodologia;
- registrar as vivências e opiniões de todos, incluindo os destinatários do projeto.

O processo de reflexão pode ser realizado de acordo com alguns eixos:

- a aprendizagem contextualizada dos conteúdos curriculares,
- os resultados alcançados, incluindo os obstáculos encontrados e outros elementos que expliquem o resultado
- a percepção e as opiniões do público atendido direta e indiretamente;
- o comprometimento e a participação da comunidade escolar;
- a relevância pedagógica e social do projeto para a escola.

5.2.7 Registro

A experiência pode ser divulgada, ampliada, analisada, revisada e reeditada se houver o registro das ações realizadas. A partir daí será formada uma base comum de dados, conhecimento e informação, tornando fácil perceber os impactos, os resultados, as dificuldades e as conquistas do projeto.

O registro pode ser feito de diferentes maneiras:

- anotações, atas de reuniões, relatórios, pautas;
- arquivo com pesquisas feitas ao longo do projeto;
- fotografias da comunidade atendida em atividade, bem como eventos, campanhas, personagens, reuniões etc., buscando registrar a situação antes e depois das ações;
- vídeos de entrevistas, palestras e apresentações promovidas com o público atendido;
- gravação de reuniões, entrevistas e depoimentos, para que não seja perdida nenhuma informação, o que posteriormente pode até ser transcrito e arquivado.

Registradas, as atividades podem ser lidas, divulgadas e revisitadas, processos que contribuem também para o êxito do projeto, na medida em que facilitam a boa comunicação entre os participantes e a comunidade.

O material registrado permite melhor comunicação e difusão do projeto. O apoio e a participação de outros atores da comunidade está diretamente relacionado à clareza da informação oferecida e à possibilidade de avaliar o impacto do projeto baseado em dados reais e mensuráveis.

Por exemplo...

O Bubu, que nasce em Cariacica (ES), é um importante rio capixaba, fonte de subsistência para muitas famílias ribeirinhas e via por onde se leva a produção agrícola de pequenas propriedades até a baía de Vitória. Com o projeto “Águas do rio Bubu”, o Centro Educacional Agostiniano, em Vitória (ES), pretendia identificar as condições do rio e propor soluções para os problemas encontrados.

Professores e alunos da 5ª à 8ª série do ensino fundamental de oito anos entrevistaram famílias ribeirinhas, coletaram água para análise, fotografaram e filmaram a paisagem. Desenhou-se, assim, um retrato do abandono da região atravessada pelo rio, poluído por lixo e esgoto. O material foi organizado em um CD-ROM educativo, distribuído para outras escolas da cidade e para as prefeituras de Cariacica e Vitória.

Ao compartilhar os dados obtidos, a escola sensibilizou a Prefeitura de Cariacica e as secretarias do Meio Ambiente e da Educação a promover diversas ações, como campanhas educativas e mutirões de limpeza e reflorestamento.

5.2.8 Continuidade

A duração de um projeto de voluntariado educativo varia bastante. No entanto, mesmo para aqueles que duram anos, é necessário pontuar etapas de início, meio e fim, para que seja possível mensurar e comemorar os resultados parciais e seguir adiante.

Quando um projeto realmente chega ao fim, é conveniente analisar se ele pode ser continuado ou reeditado – e como isso pode acontecer. A reedição tem duas facetas: para a escola, é uma forma de dar visibilidade ao seu compromisso, propor novos desafios e ampliar o escopo das atividades; para outras escolas e para a sociedade em geral, constitui-se em uma experiência cuja aplicação naquela comunidade poderá ser estudada.

5.2.9 Reconhecimento e comemoração

Reconhecer e comemorar são procedimentos fundamentais em projetos sociais, e que nem sempre são lembrados. Valorizar, estimular e reconhecer ações de voluntariado são gestos que promovem o comprometimento.

O reconhecimento e a celebração são fundamentais para fortalecer a auto-estima dos envolvidos. É o momento de reconhecer o serviço prestado à comunidade e incentivar a participação em novos projetos.



Existem muitas maneiras de reconhecer e apoiar a participação em projetos de voluntariado educativo:

- **certificado:** a escola pode atestar com certificados que contenham o nome do aluno, do projeto, a carga horária, o tipo de atividade realizada e outras informações. Dependendo do Estado, é possível também registrar no histórico escolar a participação dos alunos;
- **homenagem:** realizar celebrações simples de conclusão de etapas que culminem em homenagem aos participantes pode ser simples e extremamente gratificante, além de ser um procedimento que reconhece e convoca todos para dar continuidade às etapas seguintes, ou a uma nova edição do projeto;
- **divulgação em jornais locais:** além da visibilidade e do envolvimento da comunidade com o desenvolvimento do projeto, a publicação de material sobre o projeto reconhece e estimula os voluntários a continuar suas atividades.

A comemoração é também:

- um tempo de ambientação, em que se reúnem todos os participantes, e quem coordena a experiência convida todos para o encontro e a reflexão;
- um tempo de conteúdos, nos quais se pode realizar um gesto simbólico e escutar os relatos dos participantes;
- um tempo de compromisso, em que se expressa a necessidade de dar continuidade à experiência.

Para efeitos práticos, algumas instituições organizam esse momento abrindo as portas para a comunidade. Enfim, cada escola saberá a melhor forma de reconhecer e comemorar o trabalho voluntário de seus jovens.

Por exemplo...

A Escola Estadual Polivalente do Cabula, em Salvador (BA), está sempre reconhecendo e comemorando os resultados das ações dos projetos que realiza, divulgando o êxito em uma rádio comunitária operada por alunos voluntários, nos murais da escola e nos finais de ano, com menção honrosa aos grupos participantes.

5.3 Em resumo, um projeto de voluntariado educativo requer...

- Um planejamento que indique os momentos em que as ações acontecerão, e os responsáveis por realizá-las, o que geralmente se faz a partir da instituição que lidera o projeto, mas pode incluir a participação de outros atores.
- A delimitação clara do objeto da ação socioeducativa.
- A identificação de todas as práticas e momentos significativos, para medir a força da experiência, a aprendizagem com as dificuldades e com os acertos.
- O cumprimento da etapa do registro, ou seja, a utilização de técnicas participativas para a produção de material escrito ou audiovisual.
- A compreensão de que é possível realizar um projeto de voluntariado educativo, seguindo as etapas que a comunidade educativa se comprometer coletivamente em fazer.

*Se é possível obter água cavando o chão,
se é possível enfeitar a casa,
se é possível crer desta ou daquela forma,
se é possível nos defendermos do frio ou do calor,
se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens,
se é possível mudar o mundo que não fizemos,
o da natureza, por que não mudar o mundo que fazemos,
o da cultura, o da história, o da política?*

(Paulo Freire, 2000)



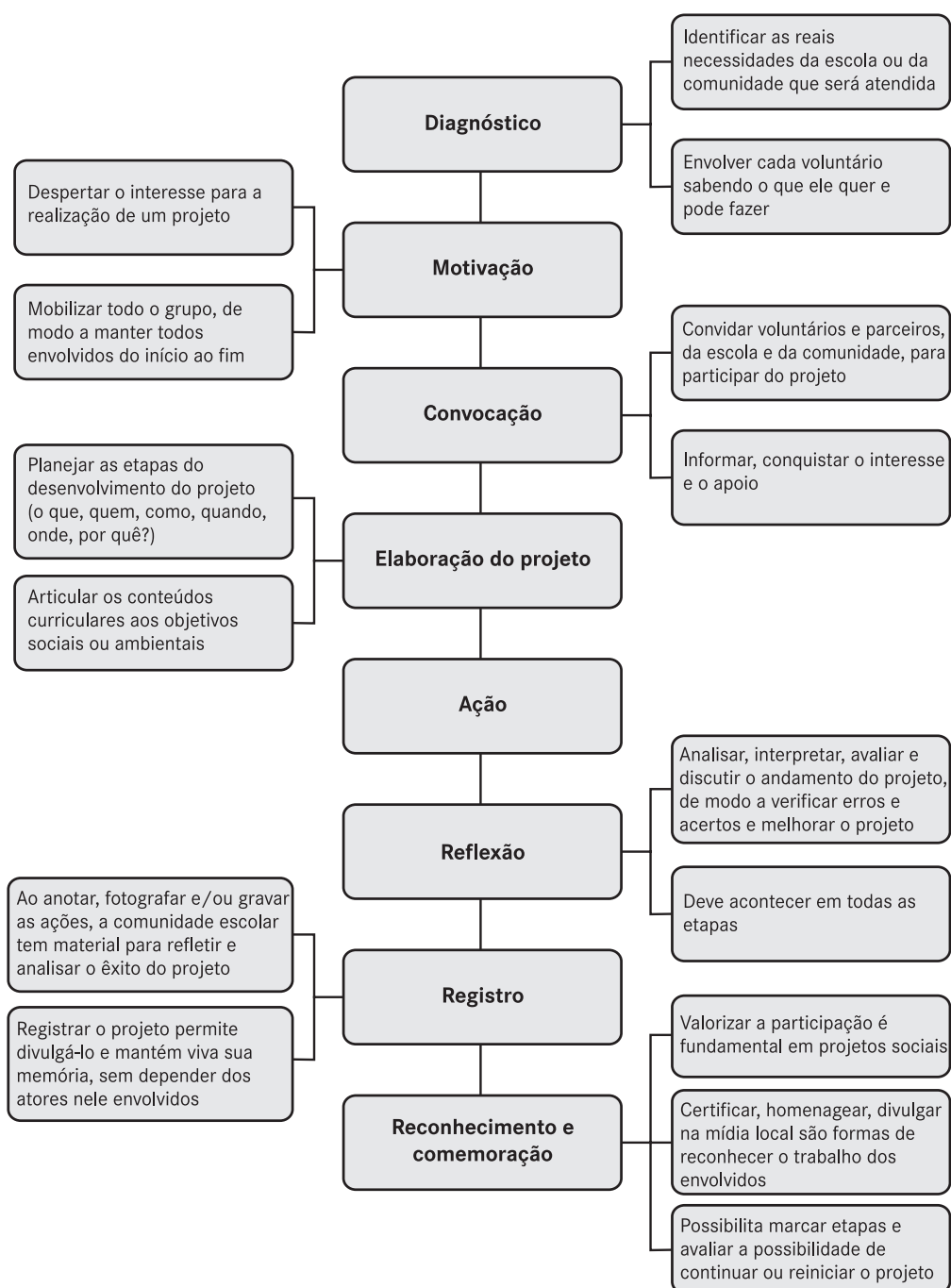
Referências bibliográficas

- ARROYO, Miguel G. *Ofícios de mestre. Imagens e auto-imagens*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Disponível em <http://www.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/introd1.pdf>. Acesso em 29/8/2006.
- CORPORATION FOR NATIONAL AND COMMUNITY SERVICE. *The National and Community Service Act of 1990 [As amended through December 17, 1999, P.L. 106-170]*. Disponível em http://www.nationalservice.gov/pdf/cnscs_statute.pdf. Acesso em 29/8/2006.
- DEWEY, John. *Experiência e educação*. São Paulo: Nacional, 1979.
- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir, 2ª ed.* São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade, 25ª ed.* São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.
- _____. *Pedagogia dos sonhos possíveis, org.* Freire, Ana Maria Araújo. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.
- _____. *Política e educação: ensaios*. São Paulo: Cortez, 1993.
- LUCK, Heloísa. *Planejamento em orientação educacional*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MELLO, Guiomar N. “Voluntariado e educação escolar”, in *Realizando Juntos*, coord. VILLELA, Milú. São Paulo: Instituto Faça Parte, 2004.
- MINISTERIO DE EDUCACIÓN CIENCIA Y TECNOLOGÍA, PROGRAMA NACIONAL EDUCACIÓN SOLIDARIA. *Itinerario y herramientas para desarrollar un proyecto de aprendizaje-servicio*. República Argentina, 2005.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const>. Acesso em 29/8/2006.
- _____. *Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em 29/6/2006.
- SBERGA, Adair Aparecida. *Voluntariado jovem: construção da identidade e educação sociopolítica*. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.
- TAPIA, María Nieves. *La solidaridad como pedagogía*. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2000.



Anexo 1:

Esquema das etapas de um projeto de voluntariado educativo



Anexo 2:

Sugestão de termo de adesão ao voluntariado

O modelo a seguir é usado por instituições escolares e pode ser adaptado à realidade de cada escola. No caso de alunos menores de idade, é indispensável a assinatura de um dos responsáveis.

Nome da escola

Nome: _____

Identidade (RG): _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Atividade: _____

Declaro estar ciente de que o trabalho voluntário a ser desempenhado junto à escola _____

será executado nos termos da Lei Federal 9.608/1988, sendo, portanto, atividade não-remunerada, com finalidades socioculturais e educativas.

Local, data e assinatura do voluntário.

Anexo 3:

Autorização do responsável

Nome da escola

Na condição de responsável pelo(a) menor _____
_____, nascido(a) em __/__/__, portador(a)
do R.G. _____, declaro que o(a) autorizo a participar de projetos e
atividades de voluntariado com finalidade educativa, de __/__/__ a
__/__/__, no modo como indicado abaixo.

Descrição do projeto: *(preenchimento da escola)*

Dados do responsável:

Nome: _____

Data de nascimento: __/__/__

RG: _____

Endereço: _____

Cidade e Estado: _____

Telefones: _____

Assinatura

Anexo 4:

Selo Escola Solidária

Entre as ações do Instituto Faça Parte, a maior é o Selo Escola Solidária, que reconhece iniciativas de voluntariado educativo nas escolas brasileiras.



O objetivo do Selo é provocar um ciclo de três etapas: **1)** identificação, mapeamento e reconhecimento de ações de voluntariado educativo realizadas em todo o Brasil, como forma de incentivar a continuidade das práticas; **2)** divulgação, em publicações e na imprensa, de práticas exemplares de voluntariado educativo; **3)** estímulo à criação, nas escolas e pelas escolas, de mais e melhores projetos.

Em sua primeira edição, realizada em 2003, receberam o Selo 8.766 instituições de ensino de todo o Brasil que relataram suas atividades e preocupações sociais. Ao completar sua primeira volta, o círculo virtuoso mostrou resultado: a segunda edição do Selo Escola Solidária, em 2005, certificou 12.873 escolas, distribuídas conforme o mapa a seguir.

